

## **Relações de gênero, corpo, “raça” e geração em contextos de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro.**

**Aluno: Ana Carolina Saavedra Losada Lopes**  
**Orientador: Sonia Maria Giacomini**

### **Introdução**

Como é sabido, o estudo das sociedades complexas ou da vida nas cidades não foi o primeiro objeto de estudo dos antropólogos, que se concentravam no estudo das chamadas sociedades primitivas. Esse novo objeto de estudo, como mostra Magnani [1], coloca questões novas para o antropólogo. Diferentemente dos primeiros antropólogos que se deslocavam da sua cultura para estudar povos geograficamente e culturalmente distantes dele e que DaMatta [2] relaciona ao “herói”, a Antropologia passa a se interessar por outra espécie de movimento: aquele em que o estudioso se volta para sua própria cultura, e que DaMatta intitula de “xamã”: neste momento o antropólogo passa a assumir dupla função, a de nativo e a de estudioso. Esta mudança suscitou entre os antropólogos discussões e questões sobre quais seriam as vantagens ou desvantagens deste novo foco.

Na visão de DaMatta [2] o antropólogo urbano precisa se esforçar emocionalmente para se desprender e distanciar das regras em que foi socializado desde seu nascimento e que já se tornaram naturais. Segundo o autor, o antropólogo deve transformar aquilo que lhe é familiar em exótico. O movimento inverso se coloca quando se trata de estudar uma outra cultura, o antropólogo precisa racionalizar para compreender como esta outra sociedade funciona e se organiza e, assim, tornar o exótico familiar.

Velho [3], ao se questionar sobre a familiaridade, constrói uma crítica à DaMatta [2]. Na visão de Velho, a cidade sendo um ambiente heterogêneo possibilita ao estudioso obter variados focos de estudos. Logo, o antropólogo possuiria apenas conhecimento, muitas vezes parcial, daqueles ambientes em que circula e desconhecimento dos que não fazem parte do seu cotidiano. Ademais, ressalta que é preciso ser cuidadoso para não criar preconceitos ao inverso, isto é, ignorar ou excluir regras que ordenam a sua sociedade por acreditar que elas são resultados de uma naturalização prévia.

Velho [3] ainda apresenta uma vantagem de se estudar sua própria cultura: a linguagem. Ao se locomover para outros povos distantes, o antropólogo precisa de um intermediário que compreenda a sua e a língua do nativo para que se torne possível a comunicação entre ambos. No entanto, mesmo que exista este intermediário, a comunicação está sempre sujeita a erros e más interpretações, porque depende do nível de compreensão do intermediário. Entretanto, ao estudar a própria sociedade essas barreiras da linguagem diminuem.

Simmel [4], Park [5], Wirth [6] e Magnani [7] são antropólogos que estudam a cidade apresentando, a partir de diferentes focos, as suas especificidades e características gerais que a diferenciam da vida rural.

Wirth [6] inicia seu texto mostrando as dificuldades que muitos encontraram para classificar a cidade de maneira sociológica. Essa classificação, segundo esse autor, deve ser ao mesmo tempo abrangente para que não se esqueça das características vitais, mas que não seja demasiadamente específica. E esta dificuldade reside, justamente, no fato de que cada cidade possui especificidades e singularidades que lhes são próprias.

Park [5] aprofunda essa questão, ao utilizar o conceito de *Ecologia Humana*. O conceito carrega em si dois pontos importantes para a configuração da cidade: a *ecologia* e a *humana*. O primeiro diz respeito aos fatores geográficos, como morros ou montanhas, que alteram as escolhas sobre que locais serão ou não valorizados. Já o segundo trata sobre os hábitos e costumes individuais e institucionais que alteram a cidade a partir de cálculos para: moradia, trabalho e lazer.

Ao escolher o local em que viverão, os indivíduos se baseiam no local do trabalho, no acesso a serviços e nos sentimentos de proximidade e distanciamento que tem em relação ao bairro e à vizinhança. Park [5] faz a distinção de dois importantes conceitos para entender esta lógica: *vizinhança/comunidade* e *sociedade*.

A primeira pressupõe um laço afetivo entre as pessoas e o espaço em que vivem. Apesar de ser uma estrutura espontânea, é também um tipo de controle informal dos indivíduos. É importante ressaltar que neste ambiente, existe um contato direto entre as necessidades individuais e coletivas, gerando no indivíduo um sentimento de participação direta na vida da comunidade. Como mostra Simmel [4], o controle da vida pessoal na região rural, também, é exercido mais pela moralidade.

Já a *sociedade* aparece como um ambiente distante do indivíduo e que não tem com ele alguma ligação moral ou afetiva. O tipo de controle é formal, o que significa dizer que as leis é que mantem indivíduos com mentalidades contrastantes convivendo em um mesmo ambiente.

Essas diferenças entre os conceitos apresentado por Park [5] podem ser utilizados para pensar as diferenças que Simmel [4] aborda entre o modo de vida metropolitano e rural. Enquanto na metrópole os indivíduos são mais livres, intelectuais, agitados, indiferentes, reservados, interesseiros e anônimos, na vida rural a liberdade diminui, o ritmo de vida é mais lento, e estão mais ligados às emoções. Com isso as relações se dão de maneira diferente: Simmel [4], classifica as relações da cidade como breves, primárias, calculistas e baseadas em interesses. No ambiente rural, elas são mais longas, secundárias e emotivas, na medida em que o produtor e o consumidor se conhecem e possuem uma relação mais direta e afetiva.

Apesar de cada uma das cidades possuírem uma estrutura própria, existem características que as agrupam e as diferenciam do campo. O primeiro aspecto, que tanto Park [5], quanto Wirth [6] e ainda Simmel [4] destacam, é a economia. Segundo os autores, ela é fundamental, pois é dela que surge a divisão do trabalho e, a partir disso, modificam-se as estruturas de trabalho, as relações entre os homens e a importância da cidade.

A divisão social do trabalho trouxe muitas mudanças para a estrutura da cidade. Primeiro, tornou o trabalho cada vez mais específico, obrigando o homem a se especializar cada vez mais em uma determinada etapa da produção, sem necessariamente conhecer as outras. Isso torna o indivíduo, por um lado mais livre e, por outro, dependente dos outros. Ainda há outro aspecto, que Park [5] ressalta a qualificação do indivíduo para determinados trabalhos. Quer dizer, o mercado dispõe de diversas pessoas buscando empregos, em determinadas áreas, e a seleção seria resposta à qualidade individual, que torna uns melhores para o serviço. Wirth [6] apresenta outra visão sobre a divisão do trabalho e da especialização do homem: a categorização do indivíduo.

Além disso, a economia afeta também a relação entre os vendedores. De modo que cresce a competitividade e a necessidade de atender as mais variadas exigências. A busca pelo lucro, segundo Simmel [4], gera dois resultados: 1) o primeiro é; maior competição entre indivíduos para atender as demandas; e 2) o segundo, a constante necessidade de renovação dos produtos para atender as mais diferentes demandas realizadas pelos indivíduos.

Além disto, Wirth [6] aborda três características fundadoras da cidade: a *densidade*, o *tamanho do agregado populacional* e a *heterogeneidade*.

Os dois primeiros conceitos mostram que a metrópole agrupa em um mesmo ambiente um maior número de pessoas, o que significa dizer que as relações sociais se constroem de maneira diversa das do campo. Já que, quanto maior o número de pessoas, menor é a intimidade entre elas e maior liberdade individual. Ao contrário do que acontece em um pequeno grupo de pessoas, o controle não é mais de um indivíduo pelo outro, mas feita de maneira externa e formal. Podemos associar esses conceitos com o conceito trazido por Park [5] de *Ecologia Humana*. Na medida em que esses fatores influenciam diretamente nos cálculos individuais de moradia e de trabalho através das antipatias ou simpatias.

Já o terceiro aspecto, que de certa forma é resultado dos outros dois, aparece em todos os autores como uma característica obrigatória da metrópole. Em Simmel [4], esse fator tem expressão nos diversos estímulos que a cidade proporciona aos indivíduos, em um ritmo acelerado. Com efeito, o homem se protege das discrepâncias através da atitude blasé, e da indiferença. Como resultado, a relação dos indivíduos com os outros e, inclusive, com objetos se torna interesseira e indiferente. Neste último, todas as coisas passam a ter o mesmo valor e sua expressão máxima é o dinheiro. Então, é possível pensar que com a mesma intensidade que a cidade celebra a *heterogeneidade* produz, também, a uniformização dos indivíduos.

Segundo Wirth [6] é possível pensar a cidade como um mosaico de estruturas distintas e, muitas vezes, conflitantes. Então, dentro de uma mesma cidade, como por exemplo; o Rio de Janeiro encontram-se os variados ambientes de lazer, cada um exercendo um papel diferente na sociabilidade dos indivíduos.

O lazer tem um papel fundamental, como diz Magnani [7], para a socialização de indivíduos que saem da vida rural e passam a viver na metrópole. Porque, no ideário das pessoas a cidade permite aos homens acesso a serviços de maneira igualitária. Mas, que na realidade se percebe o contrário: desigualdade na distribuição de serviços e exclusão, como mostra Ribeiro [8], de determinadas classes ou espaços da cidade.

Dumazedier [9] e Magnani [7] são autores que trazem diferentes conceitos de lazer. Para o primeiro, o lazer pode ser um momento de descanso, de divertimento, ou desenvolvimento. E que ele passa a ser necessidade e cresce concomitantemente com a urbanização e a industrialização. O trabalho passa a ser um meio para conseguir dinheiro para aproveitar o tempo livre. Não obstante, o tipo de lazer varia de acordo com a classe social em que o indivíduo se insere. Devido, a falta de equipamentos, de recursos financeiros ou familiares, são algumas razões que impediriam o acesso a determinados tipos de lazer.

Já Magnani [7], apresenta três visões sobre o lazer: Na visão tradicional, o lazer é visto como um contraponto ao trabalho e não seria interessante como um objeto de estudo. Na visão histórica associa o lazer à luta dos operários para conseguirem um tempo de repouso do trabalho, além de ser um momento em que eles se afastariam dos ideais da burguesia. Mas para o autor, o lazer popular é uma espécie de *bricolagem*, na medida em que é a forma como o nordestino se adaptaria a metrópole.

Silva [10] estuda, através da relação entre o Candomblé e São Paulo, como os indivíduos e os elementos podem modificar a estrutura da cidade. O autor demonstra que não só há influência que a cidade exerce sobre o cotidiano dos homens, forçando-os a adotar determinadas estratégias para viver nela; mas também, que existe outro movimento: pois, ao adotar estas estratégias o homem gera na própria cidade mudanças estruturais.

Seria possível, então, importar este pensamento de Magnani [7] para o Rio de Janeiro e pensar a Feira de São Cristóvão por este viés. Segundo Pandolfo [11], a Feira de São

Cristóvão se torna uma forma dos indivíduos conseguirem dinheiro, mesmo que de maneira mais ou menos irregular, já que não o conseguem através de um sistema formal e assalariado.

O mito de origem sugerido por Pandolfo se baseia nas literaturas de cordel e entrevista com nordestinos, que vieram para o Rio de Janeiro na época do surgimento da Feira de São Cristóvão. A escolha da localidade se deu pelo fato de que era onde os nordestinos desciam quando chegavam ao Rio de Janeiro. O primeiro nordestino a estender, sobre o chão, produtos do nordeste foi: o paraibano João Gordo.

Na medida em que mais nordestinos freqüentavam e estendiam suas barracas no Campo de São Cristóvão, este local se tornou objeto de interesse de políticos, que queriam registrá-la e organizá-la. E, durante um tempo ela foi fechada por não se enquadrar nos padrões, no entanto, alguns nordestinos ainda buscavam mantê-la viva. Até que um grupo, liderado por Manoel Alexandre Alves, contactou o governador do Rio de Janeiro, que sugeriu a Alves que criasse um estatuto e montasse barracas, ao invés de expor os produtos no chão. A partir de então, surgiu uma entidade, comandada por Alves, que disputou os cuidados da Feira até 1982, quando ela foi legalizada.

Com este duplo papel e seu crescimento, a Feira de São Cristóvão se tornou ambiente de disputa de partidos entre si e com os nordestinos. Para estes, ela representava um ambiente que possibilitava a convivência na cidade e manter as suas identidades. Ainda, seu crescimento e seu estatuto possibilitaram que o presidente da associação provesse residências em albergues e trabalho na Feira, para os nordestinos recém-chegados. Não obstante, o dinheiro, utilizado para a realização destas manobras, provinha da própria Feira. Já que o feirante, uniformizado pela roupa e pela carteirinha, deveria pagar anuidade para a associação.

Porém, as opiniões, sobre as influências e o poder das associações e dos políticos sobre a Feira de São Cristóvão, se dividiram. Alguns eram a favor da associação, enquanto outros acreditavam que era uma forma de dominação. Mas de qualquer maneira, segundo Pandolfo [11], não houve grandes resistências.

Segundo a autora, a relação era ainda mais complicada entre os políticos e os músicos, na medida em que os últimos negavam o envolvimento com a política, mas, criavam músicas sobre dirigentes ou apelavam ao governo por ajuda para a legalização e manutenção da Feira. Perdigão [12] aprofunda a relação com os artistas ao abordar os repentistas da Feira.

O repente seria uma disputa cantada por dois homens e, segundo Perdigão [12], isto exige que eles tenham: linguagem diversificada, rapidez de pensamento e brincar com as palavras de modo que seu parceiro tenha com o que trabalhar. E, mais importante ainda, suas letras são inspirados na sua experiência de vida. Misturando elementos do passado- da sua terra- e do presente – da metrópole - e, também, particularidades e culturas.

Segundo Perdigão [12], os repentistas ficam divididos quanto às modificações que ocorreram na Feira de São Cristóvão, não só as de estrutura, como também, as de estilo musical. Para alguns, esse processo é tido como natural, pois, ao interagir com a cidade do Rio de Janeiro, algumas mudanças acontecem. No entanto, nesta visão estas não ocorrem de maneira passiva e, sim, como resultado de planejamento e estratégia. Já, há outros que acreditam que o repente se perde ao se tornar comercial, e que a nova leva de artistas perdeu a característica central do repente: experiências e saudades do passado.

Becker [13] corrobora com esta linha de pensamento, ao tratar dos músicos noturnos e dos grupos desviantes. Na visão do autor, esses artistas se vêem divididos entre produzir uma música comercial – de certa forma vazia- e, a música arte, que, em compensação, não vende.

Dentro da Feira de São Cristóvão coexistem variados ambientes e públicos. Apesar de inicialmente ser um ambiente, tipicamente nordestino, atualmente ele é freqüentado tanto por nordestinos quanto pelos cariocas e até mesmo por turista de fora do país, freqüentam a Feira

de São Cristóvão. Assim como o repente, existe o cordel, as barracas bregas, barracas de roupas, de comidas.

Giacomini [14] se aprofundou mais no “brega” como um estilo cultural e musical. O estilo musical “brega” é carregado de sentimento amoroso e dos problemas que ele produz no cotidiano desses indivíduos. Ou seja, a sentimentalidade e a intimidade são expostas e celebradas pelos seus freqüentadores, por isso, a música tende a ser mais lenta que, por exemplo, no forró. Os gêneros, neste ambiente são muito marcados, apesar de serem invertidos, porque os cantores são, necessariamente, homens e os freqüentadores são, em sua maioria, mulheres. Apesar disto, quando se transporta o modelo naturalizado de gêneros para este estilo, se torna, então, possível pensá-lo como música tipicamente feminina.

O horário de funcionamento da barraca é aos domingos, geralmente no horário vespertino. O seu público é composto por senhoras, que o frequentam assiduamente e que são conhecidas dos mestres-de-cerimônia e cantores. Inclusive, algumas delas são esposas ou amigas dos cantores e, para ajudá-los, fazem propagandas ou vendem seus CDs.

Contudo, mesmo a barraca sendo aberta para outros públicos além das senhoras da “terceira idade”, não há grande interesse dos jovens por este espaço. Durante a pesquisa realizada com a minha orientadora notei que no ambiente brega em que freqüentei para trabalho de campo, que, além de mim, só as garçonetes eram jovens.

De fato, como notou Giacomini [14], a barraca brega é um ambiente de socialização das idosas, já que para lá se encaminham para ouvir seus cantores favoritos, dançar, beber, rever amigas. Sem embargo, muitas dessas senhoras só se reencontram aos domingos, não estendendo a sociabilidade para fora da Feira de São Cristóvão.

No entanto, antes de trabalhar a questão do corpo das idosas que freqüentam as barracas bregas, é preciso discutir qual o papel do corpo na socialização dos indivíduos. O corpo é a primeira ferramenta do homem; partindo, dele os indivíduos vivenciam e experimentam o mundo, na visão de Le Breton [15]. Contudo, é importante ressaltar, que isto não significa que o corpo é natural, tanto Le Breton [15] quanto Mauss [16] buscam desnaturalizá-lo.

O primeiro autor, ao tratar as crianças que são criadas por animais, e que não morrem, têm seus corpos estruturados de maneira que se habituem ao ambiente em que vivem. Estes corpos não possuem a mesma configuração, quer dizer, a maneira como se movimentam para andar, se alimentar, respirar, é diferente. Le Breton [15] apresenta dois casos de crianças selvagens: Amala e Kamala; e Victor Aveyron, para mostrar que, ao ser educado por um meio extremamente diferente do humano, o corpo também é transformado. O que significa dizer, que o homem, ao contrario do animal, necessita de um modelo que o eduque corporalmente no seu sistema social.

Mauss [16] ao apresentar o conceito “*técnicas corporais*” indica que não há nada de exclusivamente natural, mesmo em atos como andar, ou, respirar. As técnicas são selecionadas pelas sociedades e culturas pela sua eficácia. De forma que cada sociedade possui uma técnica diferente, por exemplo, de dormir ou de comer, que faça mais sentido para ela. O autor, ainda, apresenta outro conceito importante que explica porque determinadas regras e hábitos foram selecionados: *imitação prestigiosa*, que é seleção individual e inconsciente de determinadas *técnicas corporais*. Apesar de a escolha não ser consciente, não significa que é feita de maneira aleatória. Os indivíduos optam por imitar aqueles que representam uma figura de prestígio para eles.

Notamos, assim, que o corpo é um produto de determinado contexto social. Mas, também, é resultado do contexto histórico. Le Breton [17] faz um estudo sobre o corpo na idade média e o compara com o corpo moderno. Antigamente, o corpo era pensado como um produto da coletividade e não do indivíduo. Com o surgimento do individualismo, os corpos

se tornam individuais e o homem passa a valorizar seu rosto. Na visão do autor, a atualidade de outro valor ao corpo: saiu de sujeito para objeto. O homem moderno, na visão de Le Breton [17], separa o seu corpo de si, ou em uma entidade diferente da sua subjetividade, ou seja, tornando-o um *alter-ego*

Em outro texto Le Breton [18] compara a visão do corpo da atualidade com o dos gregos e dos gnósticos. Apesar do *ódio ao corpo* existir desde os pré-socráticos a dicotomia era outra: *corpo e alma*, e, era vista de maneira mais branda o *ódio ao corpo*; afinal, os gregos não negavam os desejos da carne. Sem embargo, os gnósticos, posteriores aos pré-socráticos, extremaram este conceito. Dentro desta visão, o corpo se torna a prisão da alma, e nele está todo o mal do homem, as suas vicissitudes, é o que prende o homem a terra, enquanto a alma é o que o homem preservou de divindade.

Na atualidade, a medicina, de certa forma, reproduz este discurso, ao tratar do aperfeiçoamento corporal, transformando, assim, o corpo em um *rascunho* que deve ser moldado para atingir a perfeição. A luta dos cientistas, por decompô-lo em um amontoado de órgãos substituíveis, decorre do desejo de transformá-lo em uma máquina perfeita. Para o autor, esta obsessão do homem moderno pelo aperfeiçoamento de seu corpo se baseia no medo da morte.

Ainda ele, o homem de hoje, pensa o seu corpo como um *rascunho provisório* da sua identidade e utiliza artifícios, como *body building* ou *body art*, para remanejá-lo de acordo com o modo que percebe sua subjetividade.

Se for possível, por mais paradoxal que possa parecer, o homem citadino remodela seu corpo, como tentativa de escapar do nivelamento na cidade. O corpo se torna um patrimônio que necessita de constante cuidado, como Simmel [4] fala, devido às relações breves da cidade, vira o *cartão de visita* do homem citadino. Sem embargo, este corpo é trabalhado constantemente e muitas das vezes os indivíduos alteram seu corpo de forma radical, na medida em que essas modificações são uma tentativa dos indivíduos exporem, temporariamente, suas subjetividades.

A crescente necessidade dos homens, por vestimentas e objetos mais variados, faz com que as empresas, na cidade, se especializem e se diferenciem cada vez mais. O aumento na busca por mecanismos de alteração corporal cria a necessidade de constante inovação das indústrias de cosméticos.

Bourdieu [19] traz três conceitos que são vitais para compreender o corpo moderno: *corpo legítimo*, *corpo ideal* e *corpo real*. O primeiro é um corpo construído de maneira arbitrária e resultado da dominação de uma classe sobre outra. O segundo é mais distante da natureza e mais próximo da civilização. Já o terceiro é o corpo que cada indivíduo possui.

Esses corpos são típicos da cidade, por sua *heterogeneidade*. No entanto, assim como acontece nas metrópoles, existe uma disputa entre os grupos para que o seu ideal se torne o dominante.

Goldenberg [20] nos mostra como a mídia exerce um papel fundamental, como legitimadora e difusora dos ideais de beleza da classe tida como dominante. A autora estuda o ideal de beleza, especifica da cidade do Rio de Janeiro.

Tanto Goldenberg [20] quanto Heilborn [21] mostram que devido ao clima do Rio de Janeiro, a praia, existe uma visão do carioca como um povo: desinibido e sexual. Mas para Goldenberg [20], apesar do discurso de maior libertação sexual, através do desnudamento dos corpos, o que acontece de fato é o surgimento de novas regras de conduta. O corpo que deve ser exposto é aquele que é constantemente trabalhado pelo indivíduo para atingir um ideal de perfeição.

A aparente convivência entre corpos tão distintos na praia não tem nada de pacífico. O carioca da classe média tem repulsa pelo corpo gordo, marcado por celulites, estrias e flácido. Dentro deste grupo o único corpo que pode ser exposto é aquele que não tem nenhuma marca, nenhuma flacidez ou gordura, é um corpo forte, malhado e trabalhado. Caso contrário, o desnudamento seria sem *pudor*. O pudor agora está ligado aquele corpo que é considerado belo e bonito pelas elites cariocas. E, esse corpo ideal, é o trabalhado, ou seja, resultado de investimento de tempo e dinheiro para frequentar academias, praia, acesso a alimentos mais saudáveis e dinheiro para cirurgias plásticas, cremes anti-envelhecimento, anti celulite.

Este ideal, que foi legitimado pela crescente indústria do corpo, transforma os indivíduos em responsáveis pelos cuidados com seu corpo. Por conseguinte, se alguém possui celulites, está acima do peso ou tem sinais de envelhecimento, é porque não trabalhou seu corpo o suficiente, e não porque há uma diferença de acesso a bens no Rio de Janeiro. Mas, segundo a autora, esta pressão pelo corpo perfeito gera indivíduos cada vez mais insatisfeitos com seus *corpos reais*, trazendo o conceito de Bourdieu [19].

Para finalizar Goldenberg [20] sintetiza o corpo carioca em três conceitos-chaves: *insígnia*, *grife* e *prêmio*. O primeiro simboliza o autocontrole das pulsões e desejos dos indivíduos. O segundo um marcador que os separa e hierarquiza. E, o último seria a recompensa pelo trabalho do sujeito na construção e manutenção do corpo.

Assim como o corpo, o envelhecimento, também, é produto cultural. Mas Magalhães [22], Debert [23] mostram que existe uma dificuldade em como tratar e conceituar esta etapa da vida tida como natural. Na medida em que envelhecer é um processo biológico, também é resultado do contexto histórico-social em que os indivíduos estão inseridos. Ademais, não só o processo de envelhecer é tido como social, mas, também a percepção dos indivíduos acerca deste. Além disso, a construção, desta faixa etária pelas outras, depende da diferença entre elas e, também, em que etapas da vida essas pessoas se encontram; o que significa dizer, que esta etapa está sempre sujeita a mudanças.

Como Debert [23] e Peixoto [24] demonstram não há naturalidade neste processo e, portanto, nos conceitos e na maneira como são classificados os indivíduos que participam dela. Peixoto [24] aprofunda essa questão ao trazer os conceitos: *velho*, *idoso* e *terceira idade*. O primeiro é carregado de estigma, associado à decadência, à dependência. Por uma série de mudanças na legislação brasileira passou-se a associar a aposentadoria à velhice, sejam os aposentados velhos ou não. Já o segundo conceito é associado aos “*velhos respeitados*”, que possuem status. E, a *terceira idade* é um conceito utilizado para determinar os velhos mais jovens.

Debert faz um acréscimo a este pensamento ao mostrar que as classificações como *terceira idade* e *idade do lazer*, são maneiras de inverter os signos do envelhecimento, e, assim, modificar também, o modo de se pensar a aposentadoria. Não mais como momento de repouso, mas, de consumo e lazer. Estas categorias, apresentadas pelas autoras, são muito importantes porque os idosos se tornaram um mercado visado na atualidade.

As categorias de idade não estão ligadas aos fatores biológicos puramente, mas, aos ideais que permeiam a sociedade. Assim como, as categorias de corpo apresentadas por Bourdieu [19], são resultado de lutas políticas e de dominação ideológico de determinado grupo social.

Já Barros [25] chama atenção para outros aspectos do envelhecimento na modernidade: a) o individualismo, significa que cada um se torna responsável pela sua qualidade de vida; b) a linearidade do tempo, que está relacionada às etapas da vida; e c) a juventude, como valor

central das sociedades e que está em oposição à velhice, ou seja, ela é estigmatizada como um momento de declínio físico, social, de produção.

Este último ponto, também, é ressaltado por Goldenberg [20] só que ao falar de corpo. Na modernidade, a velhice, é reprivatizada, criando uma nova categoria “Terceira Idade”. Nesta nova categoria, surgem instituições e mercado para idoso, como asilos, livros de auto-ajuda. Como consequência, se a velhice não for bem-sucedida, o culpado é o próprio idoso e não a sociedade desigual.

Ainda, Magalhães [22] e Le Breton [17], mostram que o corpo e a velhice são produtos de diferentes grupos e classes sociais em que o indivíduo está inserido. O que significa dizer que, a percepção que os outros têm sobre o idoso, também, está sujeita a alteração dependendo do status que ele possui naquela sociedade. Ou seja, determinados extratos de uma sociedade tem acesso às ginásticas, às cirurgias, enquanto outros, não. Como consequência, são geradas variadas gamas de construção do sujeito e do “outro”.

Magalhães [22] apresenta três tipos de idosos-problemas: a) *pseudo idoso*: são os indivíduos jovens, das metrópoles, que devido às dificuldades de acesso ao trabalho, se tornam improdutivos; b) *idoso precoce*: são aqueles que trabalham em condições adversas e, por isso, aparentam envelhecer mais rápido e c) *velhice excluída*: são os idosos que estão a margem dos centros metropolitanos, sem acesso aos bens materiais e que são alvo de políticas assistencialistas.

Ele ressalta, também, que no Brasil, o idoso passou a ser pensado como problema social, apenas recentemente, e, como consequência, da luta da classe média. Apesar de não ser esta a classe que precisa desses tipos de políticas, foi ela a beneficiada, ao contrário, do idoso marginalizado. Simões [26], se aproxima deste pensamento ao chamar atenção para os aposentados que criaram movimentos pelo direito dos idosos. O autor busca ressaltar a visão que esse grupo de idoso, estudado por ele, tem de si próprio. Para este, os movimentos de idosos tem como objetivo desconstruir o estigma, da velhice e do velho, como um estorvo para sua família. E, assim reinventar a imagem do aposentado velho inativo e dependente, para um velho ativo que muitas vezes sustenta as gerações mais jovens. Estes invertem o imaginário, do idoso fragilizado e dependente para o idoso trabalhador e provedor da família. Assim como Simões [26], Barros [27] mostra, a partir do seu trabalho com idosas de classe média carioca que frequentam a Igreja, como é importante para o idoso ter um projeto e uma identidade.

Outro aspecto vital da velhice, que é ressaltado por Magalhães [22], Debert [23], Peixoto [28] e Barros [27] é a importância da socialização para o idoso, seja ela através do trabalho, da vizinhança ou do lazer.

No trabalho, a questão do gênero surge como preponderante, como apresentam Magalhães [22] e Barros [27] porque, justamente, para a geração anterior (ou seja, os idosos de hoje em dia), o trabalho era um ambiente tipicamente masculino. Porém, está sujeita a modificações, como, por exemplo, mudança de setor (formal – informal) ou até a aposentadoria

Na família, que é o espaço tido como tipicamente feminino, como mostram Magalhães [22] e Peixoto [28]. E, esta teria a obrigação de cuidar do idoso, na medida em que, até se tornaria dependente e incapaz de cuidar de si mesmo. Como resultado, surge certo dilema, na medida em que a geração intermediária tem que cuidar de seus filhos e seus pais.

Na Igreja, as senhoras, que são em maior número que os homens, frequentam este ambiente, segundo Barros [27], como se fosse uma missão. A consciência da morte eminente gera nestas uma busca por sentido.

Existem outras características que diferenciam os gêneros na velhice: a viuvez, a coabitação, o nível de vida e o corpo.

O primeiro aspecto, como apresentam as autoras: Peixoto [28] e Attias-Donfut [29], é mais comum a mulher ficar viúva. Principalmente porque o homem exerce profissão fora de casa, enquanto a mulher fica fechada no ambiente familiar. O que resulta em duas situações: a mulher volta a coabitar com os filhos, e, assume ambos papéis - feminino e masculino-.

O segundo aspecto está muito relacionado com o primeiro. Mas, Peixoto [28], Magalhães [22] e Simões [26], apresentam outro aspecto da coabitação que é o da convivência de mais de uma geração. No discurso do senso-comum, o idoso aparece como uma figura fragilizada, ridícula e carente, e, por isso, a família tem o papel fundamental no seu cuidado. Entretanto, esses autores mostram diversos vieses em que os idosos exercem a função de protetores da família. Peixoto [28] e Simões [26] abordam a volta dos idosos ao mercado de trabalho para sustento de si e dos filhos, e, às vezes, netos – e, com isso, há uma queda na qualidade de vida-. Magalhães [22], por outro lado, chama atenção para serviços domésticos e o papel dos avôs na ajuda da criação de seus netos.

A questão dos gêneros aparece muito marcada na velhice. Porque como mostra Peixoto [28], antigamente, as mulheres ou casavam cedo demais e não entrava no mercado de trabalho, ou por terem nível baixo de escolaridade seus rendimentos eram menores. Portanto, são as que mais sofrem a disparidade de qualidade de vida gerada pela viuvez. Mas, em compensação, elas têm mais facilidade para voltar a coabitar com os filhos.

Ademais, Le Breton [18] e Attias-Donfut [29] acrescentam ao trazer o corpo como marca do gênero, principalmente, na velhice. Quando o homem envelhece o seu poder de sedução e seu charme aumentam; enquanto a mulher se torna alvo de críticas e pressão. Outro ponto importante, levantado pela autora, é a função da moda no cotidiano, e, como ela afeta a percepção da velhice. A moda, na sociedade moderna, se torna veículo de transmissão de valores onde a supervalorização da juventude, gera sobre a mulher idosa dois estigmas: a hipervisibilidade ou a invisibilidade.

Ao tratar do “envelhecimento ideal” da classe média do Rio de Janeiro, Goldenberg [20] acrescenta que nesta visão, o envelhecimento está associado à decadência física, logo, precisa ser evitado. As senhoras de classe média freqüentam academias, praia, realizam cirurgias plásticas, comem alimentos considerados leves e saudáveis (pelo discurso médico), usam vestimentas e cremes faciais que as fazem parecer mais jovens, e, agindo assim tentam esconder qualquer marca corporal, como, por exemplo, a flacidez, a ruga e as celulites. Para estas mulheres, o corpo se torna um fardo, na medida em que denuncia para o outro o seu envelhecimento.

Nas sociedades antigas, a classificação da idade cronológica, como mostra Magalhães [22] do idoso era diferente da atual, devido à precariedade das técnicas para a preservação da vida. Antigamente, eram raras as pessoas que chegavam aos quarenta anos. Por consequência, aquelas que viviam este tempo eram vistas como idosas e sábias.

Não obstante, com os avanços tecnológicos, na modernidade, a longevidade aumentou, logo, chegar aos quarenta anos tornou-se comum, não sendo mais visto como uma fase do velho, mas, do adulto.

Então, é de suma importância se questionar sobre as classificações que as sociedades impõem aos indivíduos e às etapas da vida. Atualmente, existem diversas palavras com diferentes sentidos para descrever o envelhecimento, e cada uma o preenche de significados distintos, estigmatizando ou exaltando.

A dificuldade, segundo Le Breton [18], de classificar esta fase se dá pelo fato de que todos envelhecem, desde o nascimento, tornando-se parte do cotidiano dos indivíduos. Assim,

de certa forma, estes não estão autoconscientes das mudanças produzidas por ela. E, a consciência surge a partir do olhar do outro.

## **Objetivos**

A pesquisa, desde seu começo em 2009, sofreu algumas mudanças quanto ao seu objetivo, devido ao estudo de outros temas e ampliação da sua discussão.

O objetivo inicial da pesquisa era problematizar as questões que se referem à sociabilidade na cidade, em particular na Feira de São Cristóvão, enfocando o corpo, gênero e geração, através de uma reflexão fornecida pela Antropologia Urbana. Ou seja, compreender de que maneira a Feira influencia e é influenciada pela cidade Rio de Janeiro. E, também, discutir como o homem citadino lida com a *alteridade*.

Depois de estudar a cidade, passamos ao estudo do lazer popular e, mais especificamente, da Feira de São Cristóvão. Com finalidade de conhecer sua história, sua influência na cidade e qual sua importância para manutenção da identidade nordestina.

Em seguida, passamos ao estudo do corpo em geral, como criador do ator social e vetor que insere os indivíduos em suas sociedades e grupos sociais. Para depois, compreender como o carioca, de classe média, constrói seu corpo e como percebe o corpo alheio.

Ainda, estudamos o envelhecimento, na tentativa de pensá-lo como um fase da vida igual à juventude. E, assim tentando mostrar que, como o corpo, o velho é, também, uma construção social.

Perseguiu-se também o objetivo de refletir sobre o corpo e o envelhecimento através do trabalho de campo no espaço brega da Feira de São Cristóvão. A comparação das formas como as frequentadoras do espaço brega percebem e se utilizam de seu corpo naquele espaço de sociabilidade e, assim, forneceram um contraste muito vivo frente as formas como as senhoras da elite carioca concebem e se apropriam de seu corpo.

Dentro da Antropologia, existem muitos trabalhos voltados para a *velhice-problema* ou ligada à Família e ao Estado, mas, poucas que visam estudar os idosos no seu cotidiano. Menos numerosos, ainda, são os trabalhos que visam o idoso em ambientes de lazer.

Atualmente o objetivo central da pesquisa é: entender como o idoso e seu corpo são construídos e utilizados em um ambiente de lazer do Rio de Janeiro: a Feira de São Cristóvão. O ponto de partida tomado, é importante ressaltar, é que o corpo e a idade são produtos sociais e, como tais, estão sujeitos a variações, dependendo da sociedade e dos grupos sociais em que estão inseridos.

## **Metodologia**

O primeiro passo de um trabalho da etnologia, segundo Roberto DaMatta, é um estudo teórico do tema.

Para a reflexão aqui proposta sobre a sociabilidade e corporalidade de idosos na Feira de São Cristóvão, temos como base três grandes blocos de literatura e trabalho de campo realizado na própria Feira, mais especificamente nas barracas bregas.

No primeiro bloco abordamos o contexto em que é construída a corporalidade, que selecionamos, e que se desenrolam essas atividades de lazer: na cidade. A partir de reflexões gerais sobre: Primeiro, suas características fundadoras e suas contradições. Depois o tipo de homem que é produzido nela e sua relação com as pessoas que saem do campo e vão para as metrópoles, discutindo a relação da sociedade com os grupos desviantes. Por fim, qual é a função do lazer na manutenção da identidade dos últimos. Além de abordar, também, a Antropologia Urbana e suas questões no trabalho de campo. Os autores mobilizados neste

estudo foram: Magnani, DaMatta, Velho, Ribeiro, Wirth, Simmel, Park, Becker, Silva, Dumazedier. Os conceitos chaves desse capítulo são: *Ecologia Humana, Heterogeneidade, Lazer Popular, Bricolagem, Alteridade e Familiar/Exótico*.

No segundo o tema central é o corpo e tem como foco a sua vital relevância para a construção do ator social, as suas diferentes construções sociais e, mais especificamente, o corpo ideal do carioca. Por fim, trataremos a velhice, de maneira geral ao discutir seus diferentes aspectos e, de maneira específica ao discutir o ideal de velhice do carioca de classe média. Os autores mobilizados neste estudo foram: Goldenberg, Heilborn, Bourdieu, Le Breton, Mauss, Peixoto, Debert, Simões, Barros, Magalhães. Os conceitos chaves são: *Técnicas Corporais/ Imitação Prestigiosa, Corpo alter-ego/rascunho, Corpo ideal/legítimo/real, Envelhecimento e Pudor*

No terceiro optamos pela leitura de textos que falam mais especificamente sobre o Centro Luiz Gonzaga de tradições nordestinas. Com a finalidade de entender sua história, sua importância na preservação da identidade nordestina. E também, que *estratégias* foram escolhidas para que fosse possível se adequar a cidade sem perder seu objetivo inicial. O que transformou a Feira de São Cristóvão em um espaço de sociabilidade em que vão nordestinos, cariocas e turistas de outros países. Em seguida, nos aprofundaremos no trabalho nas características do espaço brega, para, por fim, trabalhar o corpo das frequentadores deste ambiente. Neste último misturamos o que foi visto em campo e utilizado da literatura. Os autores mobilizados neste estudo foram: Pandolfo, Perdigão, Giacomini.

A incursão na Antropologia do Corpo e o trabalho de campo na Feira de São Cristóvão foram muito importantes para permitir a comparação com o corpo do carioca. A desnaturalização do corpo foi um primeiro passo fundamental para o exame dessa formas de corporalidade. Dessa forma, o corpo foi concebido como tendo uma linguagem própria que é carregada de sentidos e valores de cada sociedade.

Além de estudar mais profundamente como as elites, principalmente a carioca, valorizam e constroem suas percepções em torno do corpo ideal e o feio. Para depois fazer uma comparação entre os ideais de corpo do carioca e do nordestino.

Quanto ao trabalho de campo foram realizadas algumas visitas no final do ano de 2009 até início de 2011. Mas, ele também foi dividido em dois momentos: o primeiro consistia em conhecer os diferentes ambientes da Feira de São Cristóvão, tais como; o repente, os palcos, os restaurantes. No segundo momento, me dediquei ao estudo dos espaços bregas em específico.

## **Conclusão**

Cada cidade tem uma estrutura própria, e dentro dela existem variados mundos e indivíduos que interagem, mesmo que minimamente, entre si e com os diferentes ambientes. O que suscita na própria cidade mudanças e apropriações. Porém, mesmo que cada cidade possua suas especificidades existem também características que são universais de todas as cidades. Pois nela é celebrada a “alteridade”, mas ao mesmo tempo, ela é niveladora.

E a cidade produz muitos estímulos no homem, criando um homem diferente daquele da vida rural. O homem citadino é mais calculista, interesseiro, indiferente, blasé e intelectual. Suas relações são mais breves e distantes.

Podemos perceber que mesmo a cidade sendo tão grande e, caracteristicamente, marcada pela variedade, parece que há muito ainda a se investigar a respeito das maneiras como o homem urbano lida com a *heterogeneidade*. Como resultado deste homem citadino indiferente e uma ausência de serviços surgem os espaços de lazer popular. Esses espaços de lazer popular reúnem aqueles que partilham de uma mesma visão de mundo, que falam a mesma língua e os permite a reviver sentimentos saudosistas, encontra amigos e socializar. A

Feira de São Cristóvão é pensada dentro desta lógica, só que se difere da sociabilidade no ambiente de trabalho, no familiar ou na Igreja.

A Feira de São Cristóvão permite ao nordestino reaver contato com objetos e pessoas que estão no nordeste e também fazer e reencontrar amigos. Esse espaço de reencontros tornaria a vida na grande metrópole menos difícil. Donde, concludo, pela associação das idéias de dos antropólogos urbanos, que assim como a cidade, o lazer também entra na lógica das afinidades e antipatias, e, da *vizinhança* e *sociedade*.

Nos primeiros momentos do trabalho de campo notei que a Feira de São Cristóvão é um ambiente diversificado, onde convivem espaços modernos e antigos, por exemplo, existem lojas que vendem produtos artesanais feito de couro e outras que vendem bijuterias. Ela, também, mistura variados tipos de músicas, cheiros e públicos.

Ademais, dependendo do dia em que for a Feira o público, também varia, como notamos com as senhoras do brega. Pois, elas só vão, aos domingos por volta de meio-dia.

A Feira de São Cristóvão surgiu, como ambiente de socialização entre os nordestinos que chegavam à cidade e os que já moravam aqui. Ou seja, esse espaço de reencontros tornaria a vida na grande metrópole menos difícil. No entanto, a Feira foi crescendo e ganhando visibilidade e, por isso, também se tornou alvo de disputas políticas. Como resultado, se tornou possível realizar obras e criar novas regras para reorganizar este espaço. Então seria possível pensar, que de certa forma, ela reproduz a *heterogeneidade* que existe dentro das metrópoles.

O corpo tem um papel fundamental na inserção do homem no mundo e no seu contato com o outro, pois ele que delimita o “eu” e o “outro”. Não obstante, o *outro* possui um papel fundamental na constituição do ator social. O homem, ao contrário do animal, precisa para aprender as *técnicas corporais*, que são imitadas segundo modelos.

Então, o corpo, como pudemos perceber, é um produto social que está sujeito a modificações de acordo com o que cada cultura e, mais especificamente, pelo que cada grupo social valoriza. Ao realizar a leitura do texto de Goldenberg, apreendemos a maneira como a elite carioca constroi seu ideal de beleza. Onde ela está justamente ligada ao tempo e trabalho que cada indivíduo pode exercer no seu corpo através de plásticas, academias, alimentação agindo assim, as mulheres de classe média tentam esconder qualquer marca corporal, como, por exemplo, a flacidez, a ruga e as celulites.

A classe média carioca, como em outras partes do mundo, associado à juventude os ideais de beleza e de progresso, enquanto, a velhice é percebida como negativa e feia. Ao tratar do “envelhecimento ideal” da classe média do Rio de Janeiro, Goldenberg acrescenta que nesta visão, o envelhecimento está associado à decadência física, logo, precisa ser evitado. Para estas mulheres, o corpo se torna um fardo, na medida em que denuncia para o outro o seu envelhecimento.

Ao comparar com o trabalho de campo realizado na Feira de São Cristóvão, notamos que o ideal de seus freqüentadores, ao contrario dos de classe média, é um corpo protuberante, forte, e os alimentos são gordurosos e bem servidos, não se preocupam em esconder suas marcas corporais. Com isto, podemos concluir que o conceito de beleza é construído socialmente, e, que cada sociedade e grupos sociais percebem e utilizam o corpo de formas distintas. Logo, seria possível encontrar dentro de um mesmo espaço, que no caso é a cidade do Rio de Janeiro, visões de belezas antagônicas, como a da elite carioca e a dos nordestinos.

Entretanto, as diferenças não estão só relacionadas à sua representação do corpo. Mas também, a um momento do ciclo da vida que é envelhecer.

Concluindo, pode-se dizer que a velhice, assim como a juventude, é uma etapa de vida, na qual os indivíduos são produtos de uma cultura. Ou seja, existem variadas construções

acerca do idoso e do seu corpo e nenhuma delas é natural. E, assim, não se deve pensar o velho como indivíduo carente e necessitado, mas, ao contrário, como pessoas com trajetórias marcadas por sua cultura e pelos grupos sociais em que estão inseridos.

Esta percepção, como mostram Magalhães [22] e Le Breton [18] assim como a própria etapa da vida, é condicionada pela cultura e pela época em que vivem as pessoas, o que significa dizer que, em algumas sociedades, o idoso pode ser visto como sábio ou como ridículo.

Sem embargo, a população idosa vem aumentando e, por conseguinte, se transformando em objeto de estudo dos médicos e das indústrias de lazer e de consumo, que visam o seu bem estar e sua movimentação financeira. Segundo Debert [23], significa dizer que surge a preocupação que os indivíduos, sejam os velhos ou os que estão envelhecendo, compreem remédios, roupas e, até, lazer. Porém, mesmo com este aumento, o estigma sobre esta fase persiste no ideário das pessoas, como dizem Magalhães [22], Barros [28] e Simões [26]. Os idosos são percebidos como mental e fisicamente decadentes e, portanto, que necessitam do Estado e da Família para sua proteção e sociabilidade. Apesar de muitos estudos antropológicos mostrarem, justamente, o contrário deste discurso. Os idosos têm um papel fundamental para a família, já que muitas vezes são eles que permanecem no mercado de trabalho e sustentam seus filhos.

Podemos concluir, também, que a *alteridade* tem diversas importantes funções: a) de educar o indivíduo e, assim, transformá-lo em ator social, b) é através dela que os idosos são vistos, seja de maneira positiva ou negativa.

Enquanto a mulher da elite carioca que percebe o envelhecer como um momento de declínio, ou de isolamento, e visa manter sua juventude (através de diversos tipos de intervenções e tratamentos), na Feira de São Cristóvão e mais especificamente no espaço brega, o envelhecimento é visto como um momento em que se pode aproveitar da liberdade e fruir da sociabilidade. Ali as senhoras vão para encontrar amigas, beber cerveja, dançar e até mesmo flertar. Na fala de uma senhora frequentadora da Feira de São Cristóvão observa-se mesmo um sentimento de liberdade trazido pela viuvez. Já com quinze anos de viuvez ela frequenta o espaço brega todo domingo para ouvir seus cantores, desacompanhada de filhos, parentes ou namorados, o que a faz sentir-se muito bem e livre.

### Referencia Bibliográfica

- 1- MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o campo é cidade**. In: Na Metrópole EDUSP, São Paulo, 1996. P.14-51
  - 2- DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.23-35
  - 3- VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.36-46
  - 4- SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: Fenômeno Urbano. 2.ed Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 13-28
  - 5- PARK, Robert E. **A cidade: sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: Fenômeno Urbano. Zahar Editores 2ed. Rio de Janeiro, p.29-72
  - 6- WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida**. In: Fenômeno Urbano. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 90-113
  - 7- MAGNANI, José Guilherme C. **A descoberta da periferia**. In: Festa no pedaço cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 14-20
- 
- \_\_\_\_\_ **Proposta de análise e escolha do objeto**. In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 20-30

- \_\_\_\_\_. **O circo: descrição geral** In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 31-50
- \_\_\_\_\_. **Questões de método.**In:Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade.Brasiliense, 1984, p. 51-60
- 8- RIBEIRO, Ana Clara T. **Oriente negado: cultura, mercado e lugar.** Cadernos PPG-AU/FAUFBA, Ano 2, 2004
- 9- DUMAZEDIER, Joffre. “Lazer e Sociedade”. *In: Lazer e Cultura Popular.* São Paulo: Perspectiva, 2000.
- 10- SILVA, Vagner G da. **As Esquinas Sagradas – o candomblé e o uso religioso da cidade.** In: Na Metrópole EDUSP,São Paulo, 1996. P.91-122
- 11- PANDOLFO, Maria Lúcia M. **A Feira de São Cristóvão:Espaço sentimental Nordeste Rio de Janeiro.** Cadernos Avulsos da biblioteca do professor do Colégio Pedro II nº 12, Rio de Janeiro 1989
- 12- PERDIGÃO, Elaine R. **Rima e Improviso: O Combate Versado no Repente.** Pós-Gadruação da UFF, Niterói, 2009, P.1-44
- 13- BECKER, Howard S.**A cultura de um grupo desviante: o músico de casa noturna.**In:Outsiders- Estudos de sociologia do desvio,Zahar,Rio de Janeiro, 2005.P.89-110
- \_\_\_\_\_. **A cultura de um grupo desviante: o músico de casa noturna.** In:Outsiders- Estudos de sociologia do desvio,Zahar,Rio de Janeiro, 2005.P.111-128
- 14- GIACOMINI, Sonia Maria. **Emoção “Brega” e relações de gênero na Feira de São Cristóvão: corações, corpos e mentes em transbordamento emocional.** P. 2-17
- 15- LE BRETON, D.2006. **A Sociologia do corpo.** Petrópolis, Vozes Caps I e V p.7-13 e 39-61
- 16- MAUSS, M. 1974 **As Técnicas Corporais** In Mauss. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU/EDUSP, Vol II, p.209-233
- 17- LE BRETON, David. **Antropologia Del cuerpo y modernidad.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1995.
- 18- LE BRETON, D.2003. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade.** Campinas, SP; Papirus. Introdução e Cap. 1, p.13-26 e 27-54
- 19- BOURDIE, P. 1977. **Notas Provisórias sobre a percepção social do Corpo In: Actes de La Recherche em Sciences Sociales.** Nº 14, abril, 1977, p.51-54
- 20- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. 2002. “**A civilização das formas: o corpo como valor**” In M. Goldenberg(org) **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro, Record p.19-40
- 21- HEILBORN, M.L. 1999. **Corpos na cidade: Sedução e Sexualidade In Gilberto Velho(org.), Antropologia Urbana.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.98-108
- 22- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice.** Rio de Janeiro, 1987
- 23- DEBERT, Guita Grin. “A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade”. *In: Myriam Moraes Lins de Barros (Org.),Velhice ou Terceira Idade?.* Rio de janeiro: Editora FGV, 2006.
- 24- PEIXOTO, Clarice Ehlers. “Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórias: velho, velhote, idoso, terceira idade...”. *In: Myriam Moraes Lins de Barros (Org.),Velhice ou Terceira Idade?.* Rio de janeiro: Editora FGV, 2006.
- 25- BARROS, Myriam Moraes Lins de. “Velhice na modernidade”. *In: Clarice E. Peixoto (Org.), Família e Envelhecimento.* Rio de Janeiro: Ed FGV, 1ªed, 2004

- 26- SIMÕES, Julio Assis. “A maior categoria do país’: o aposentado como ator político”. *In: Myriam Moraes Lins de Barros (Org.), Velhice ou Terceira Idade?.* Rio de janeiro: Editora FGV, 2006
- 27- BARROS, Myriam Moraes Lins de. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. *In: Myriam Moraes Lins de Barros (Org.), Velhice ou Terceira Idade?.* Rio de janeiro: Editora FGV, 2006.
- 28- PEIXOTO, Clarice Ehlers. “Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar” *In: Clarice E. Peixoto (Org.), Família e Envelhecimento.* Rio de Janeiro: Ed FGV, 1ªed, 2004.
- 29- ATTIAS-DONFUT, Claudine. “Sexo e Envelhecimento”. *In: Clarice E. Peixoto (Org.), Família e Envelhecimento.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1ªed, 2004